

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## Carta aos revolucionarios

**A situação nacional — Os homens dos grandes negocios — O que devia ser a sua missão — Eles e as suas victimas — O que querem os revolucionarios?**

Senhores revolucionarios:

Não sei a que partido pertencem, não profundo a sinceridade das intenções, rodeio, apenas, as suas palavras, analiso o seu programa e se os senhores, em vez dum presidente, quizessem um rei, eu estaria a combater nas suas trincheiras.

E' que a exposição das suas ideias não pertence a um partido: elas são o fructo da reflexão e da experiencia, que deve acudir às almas de todos os cidadãos que não façam parte das Plutocracias. Este seu programa, de resto sem grandes transcendencias, tem sido aqui largamente debatido e comentado julgando-o filho do meu sentimento intimo que nunca as conveniencias partidarias me fizeram ocultar.

Vivemos, positivamente, sob o dominio duma classe, reduzida e extranha, que se apossou dos capitais aventureiros, se instalou em imensos negocios, tomou conta duma industria, cujo producto é indispensavel ao bem estar do povo e, sem considerações de partidos, de sentimentos, de fé, ligados apenas pela ansia do ganho, dão um combate formal a todos quanto não sejam sócios, adeptos, amigos, solidarios das suas comandas. Ha tempos uma dessas industrias — a do pão — distribuia lucros tão largos que faziam pasmar os seus maiores quarenta accionistas; outra — a do papel — que é com os Tabacos e Fosforos — um monopolio,

apresentava dividendos tão grandes que se ocultaram em grande parte. Junto a estes colossos todas as qualidades de comerciantes ambiciosos, de políticos venais, de bandidos, cujo fim é enriquecer, prostram-se e são os seus acolitos, obedecem ás suas ordens, seguem na sua rota.

Ainda ha dias—n'um canto d'uma primeira classe de certo comboio—o acaso reuniu pessoas tão heterogeneas de pensamento publico e tão diferentes em sociedade que só desejei que algum dos revolucionarios defensores desse programa das reivindicações economicas, as tivesse visto.

Uma delas pertence á aristocracia do capital e do nascimento, é elegante, tem certa linha; sentava-se junto de outro baixote, gordo de olhos, afortunado nos negocios da guerra e nas especulações e defronte, deles, um antigo monarchico, tornado ministro do partido democratico, e tambem metido nas grandes negociatas, conversava, numa intimidade larga de gente que se entende em volta da mesma mesa nas Companhias privilegiadas embora um se diga monarchico, o outro nacionalista e o terceiro democratico. Não. Repito-o, pela decima vez, esses homens da aventura financeira—note-se que não catalogo assim todos os capitalistas—não tem fação, não tem impressão de batalhar pelo bem comum, não tem patria. São os grandes triumphadores da ineptia alheia. Pertencem a um mundo áparte, chegaram aos seus logares e meteram-se nos seus palacios à custa das traficancias, arruinaram os comerciantes honestos e em meia duzia de anos aferrolharam o que os conscienciosos, mesmo os que mexem em dinheiro, jamais conseguiram em meio seculo.

Desse lado sopra a revolução, vem um grito contra esses manejadores dos capitais amaldiçoados, que se amontoaram à custa das levaras para a guerra, das traficancias com o pão, das explorações de toda a casta e que permitiui aos seus possuidores alastrarem-se nos mercados sendo os seus senhores, tomando conta de tudo quanto lhes possa ser obstaculo, trazendo nos labios uma prega desdenhosa ante os honrados, aliançando, até alguns, que estão habituados a comprar homens.

E' certo—senhores revolucionarios—que ha quem se venda, quem faça da sua alma um leilão e ande de Banco em Banco a ofrecê-la; é verdade que, pondo de lado os interesses da nação para servir os de particulares, ha quem tenha sido apontado à raiva popular, mas ela mal dirigida, surgindo apenas na furia politica, tem ido atacar inocentes e até benemeritos. Se fosse possivel afastar das mãos do povo as vinganças excitadas e entregar a uma justiça conscienciosa e digna o julgamento dos exploradores, teria começado uma era de reflexão não de represalias, mas de razão pura.

O caracter abastardou-se a ponto de se chegar ao almoedismo das

convicções e de haver quem recolha dinheiro no lameiro impudico, depois de transaccionar as pertencas do Estado. Eu não quero dizer que eles entreguem o mobiliario das repartições aos grandes especuladores, nem eles quereriam, essas cadeiras desconjuntadas e essas mesas sebentas pelo roçamento secular de milhares de mangas de alpaca, mas adoptam as leis dos seus interesses e resolvem-lhes assim as dificuldades que ficam para outros negociantes. Se uma industria moribunda solicitar uma vaga maneira de poder singrar deixa-la-hão morrer porque milhares de corvos espreitam esses despojos e é necessario favorecê-los.

O povo tem andado iludido por uma politica de sequazes que lhes aponta os monarquicos conspirando, como outrora atribuiam aos jesuitas todos os maleficios quando pretendiam desviar as atenções de algum passo proveitoso. E' necessario que se conheça a situação da maioria dos partidarios da realesa, da massa humilde que pleiteia ainda por umas instituições que os senhores supõem retrogadas. Eles todos, desde os officiais expulsos do exercito e mal encarreirados noutros misteres, os ex-sargentos, os pequenos empregados, os trabalhadores pensam exactamente, na parte economica, como os senhores e sentem—talvez mais ainda—a agrura desses alçamentos de afortunados da aventura aos grandes logares onde se guindaram. E' que esses individuos nem sabem fazer da fortuna um uso nobre, não saem de suas mãos—nem ao menos por uma habilidade—os menores óbulos destinados a socorrer as suas vítimas.

Os hospitais não tem verbas para tratamento dos milhares de doentes que são devolvidos pela fome e pelo exgotamento, pela canceira da idade e pelas taras de gerações soffedoras, á assistencia da caridade. Pois até hoje ainda não houve um só desses milionarios improvisados que se lembrasse de acudir a necessidades de tanta monta, de tirar dos seus lucros uma percentagem minima para servir de lenitivo ás desditas. Nenhum pensou em tratar de educação das criancinhas, de roubar á rua as virgensistas que se prostituem, dando-lhes um abrigo em escolas; nenhum—que eu saiba—deliberou edificar um bairro para os pobres, formar uma companhia—eles que as fundam até para explorar heranças e leis—para proteger os desvalidos oferecendo-lhes por preços baixos, o lar, a assistencia. Isso sim; ferozes em seu egoismo, cofres de almas revestidos da dureza dos seus interesses, resvalam á sua beira todas as misérias e todas as dôres sem a menor atenção da sua parte.

E' isto que os senhores querem combater, profundando as origens das fortunas, mobilizando algumas industrias especuladoras, restituindo aos miseros aquilo que lhes foi tirado, obrigando toda a gente a trabalhar, liquidando as preguiças e colocando os valores em seus logares, sem quererem mais do que os seus esforços numa justa remuneração, isto em nome do país, sem jacobinismos, tomando os homens precisos

para essa obra onde eles estiveram e punindo-os á menor traficancia ou á menor traição, mas deixando-lhes as suas convicções e as suas crenças?

E' isto o que querem os revolucionarios?

Conta-se que uma senhora da melhor sociedade ouvindo uma critica acerba ao bolchevismo, na qual a aterrorisavam com matanças, carceres, destruições, perguntara:

— Mas o que fazem eles ás crianças?

— Uma cousa inaudita — responderam-lhe logo — ; calcule que as educam nas mesmas escolas, sem distincção das classes, movendo-as em torno de eguais crenças, filhos dos commissarios do povo e mendigos da vespera, e procuram entre elas, para os estudos superiores, as mais intelligentes. Uma inversão social, marquezia, uma destruição.

E ela, lentamente, tornou:

— E os pequenitos comem nessas escolas?

— Todos egualmente . . . volveu o interlocutor a querer arrancar-lhe o seu protesto.

A fidalga, balbuciou, na mesma doçura de voz:

— Felizes crianças, que sem preocupações de castas, brincam, estudam e comem egualmente . . . Isto é tão cristão . . .

E' isso o que eles fazem?

Assim como a grande dama fez a pergunta, assim eu, muito mais proximo do povo — no povo nascido, interrogo:

— E' aquilo que eu explanei o que desejavam os revolucionarios?

Se assim é . . . Não terão um soldado porque eu quero, á luz da razão, um chefe tradicional, um rei, mas pelo menos terão um admirador se fizeram tudo isto, sem crimes, sem ciladas, à luz do sol, em nome da verdade, escravos da justiça.

## Perigo de morte

Uma scena de Grand Guignol—Terrível situação  
• dum medico — Como se podia ter causado uma  
morte no escuro — O bisturi na treva — A com-  
panhia da electricidade e a sua legenda.

O medico ia para sair, numa pressa, a vêr um doente, quando, do canto do seu portão, surgiu uma mulher com uma trouxa nos braços.  
— Senhor d'outor, salve o meu filho...

Acolheu-se, de novo, á casa, conduziu-a para o consultorio, desembaraçou o pequenito dos abafos e viu-o vermelho, febril, agitado. Pegou, rapidamente, numa lanceta para fazer uma incisão no pescocito da creança meteu na carne a lamina e de chofre, apagou-se a luz electrica.

No fundo do consultorio a treva; êle segurava com uma das mãos o pequeno e com a outra a lanceta, sem poder fazer o menor movimento com medo de rasgar aquella carnesita infantil, tenrinha, que os seus dedos imoveis não largavam e o seu pulso sentia não poder tratar. O enfermosinho com um movimento, esfacelaria a carotida numa das convulsões da infancia, ou num gesto de suas mãositas. Causar-se-hia a morte, e ali, naquela treva, o medico cheio de receio, conservava a ideia do perigo, chamava sem se alucinar:

—Luz! Luz! Tragam luz...

Sob os seus dedos uma vida palpitava ainda.

A mãe da creança, no negrume, medrosa do grande consultorio, ignorando o caminho para os andares superiores, quedava-se porque lhe berrava que não se mexesse tambem. Aos brados foi a esposa do clinico que acorreu, Tateando, ignorando a situação em que o marido se encontrava com aquele corpito em seu poder, sob o seu bisturi, querendo dar-lhe a vida e sendo a morte o que mais provavelmente o espreitava.

—Luz! Luz!... acende um fosforo...

Em volta os grandes armarios de vidros corridos tinham vaguidões de claridade logo esbatidas, anciadamente, o doutor continuava segurando a criancinha, e a senhora perguntava, anciosa e contristada, porque não se mexia êle, arremetendo contra os moveis em busca do casaco que elle despirá para envergar a grande bata de operador.

A treva parecia mais espessa, mais densa, mais forte, um negrume terrível após aquella luz electrica viva, intensa que o deixara mais cego ao finar-se.

Grande escuridão, também, devia encher-lhe a alma e da sua garganta sêca, apenas saía a supplica para que lhe trouxessem um candieiro.

Ouviu como uma esperança a acalentá-lo, o chocalhar de fosforos nas algibeiras do casaco que a esposa encontrara, sentiu o raspar dum deles na lixa da caixa e ordenou, segurando sempre bem firme a lanceta na incisão praticada:

—Larga fogo a um pedaço de algodão, aí nessa bacia...

A' luz vaga do fosforo viu o rosto da creança e julgou-o mais arroxado, mas de repente, o clarão veio, forte, vivo, combustando a rama e deixando ver o pequenito a respirar; mais algodão se lançou sobre a chama e quando êle descançou o doente sobre a *marqueza* limpou apressadamente o suor e depois a lanceta. Tinha atravessado um dos mais terriveis quartos de hora da existencia, com um ferro metido numa garganta que, á menor oscilação, ao mais leve movimento, podia causar uma terrivel morte nas trevas, no apavoramento.

Foi de subito que appareceu a electricidade; veio quando já não era precisa e a creancita salva, gulosamente a olhava como se tivesse uma grande alegria por fugir das eternas trevas. O medico, caído numa cadeira, ante a esposa palida e aquella mãe agraçadica, imaginava também ser um pesadelo enorme a scena alucinante, teatralmente terrivel que acabara de se passar.

Não foi uma alucinação do clinico nem uma fantasia de escritor o que se descreveu. O facto deu-se numa estancia arrabaldina, onde a luz electrica falta a miudo por imprevidencia, por brincadeira, por más condições de instalação nas ruas, causando sempre prejuizos, mas podendo ter, desta vez, gerado uma terrivel morte, a perda da reputação dum clinico, e um remorso eterno não para a Companhia, que só pensa em lucros, mas para o medico que se julgaria culpado de operar, confiando nas correntes, sempre perturbadas, do monopolio da electricidade que ninguem domina, e cuja legenda das cabines desta vez tinha razão em se applicar á propria empreza: *Perigo de morte*.

# O exercito e a politica

**Os officiaes parlamentares — Idéas sobre as revoluções — Possibilidades dum regeneração — A revolução de cada um — Conclusões naturais**

Discutia-se, ha dias, uma cousa singular. Se o exercito deve ser politico ou uma máquina de obediencia aos governos constituídos, aceitando sem reflexão suas ordens e seus desejos. Depreendi do pleito que assim como na monarchia se queria um rei para uso de cada partido, e com ele se amuavam desde que preferia os outros, do mesmo modo se pratica na republica, em relação à força armada, a unica culposa da forma por que a tratam.

O exercito, máquina de disciplina, é o que se deve conceber num país normalisado, no qual se principie desde logo por não consentir militares na politica. Não é em Portugal que tais relações se teem cortado. Se ha nações onde os officiaes ocupem na governação lugares de dominio é entre nós. Temos o sr. general Correia Barreto presidente do Senado e já vimos o sr. general Sá Cardoso presidente da Camara dos Deputados, o sr. major Alvaro de Castro várias vezes ministro e deputado, o sr. capitão Cunha Leal nas mesmas circunstancias, os sr. generais Sousa Rosa e Norton de Matos deputados, o sr. major Olavo deputado, os srs. capitães Velhinho Correia e Vitorino Guimarães ministros e deputados, o proprio general de divisão, governador militar de Lisboa, sr. Roberto Baptista senador; o comandante das guardas republicanas, sr. general Vieira da Rocha antigo ministro, e, ainda nos partidos, com situações que competem aos seus talentos que os levam às camaras e aos lugares de destaque coroneis, majores, capitães, alferes e outras patentes, como o sr. Manuel Maria Coelho, Pires Monteiro, Helder Ribeiro, Moraes Rosa, Brito Camacho, Lelo Portela, Vitorino Godinho, Feliciano da Costa, Caimera, Freiria, Abel Hipolito, Silveira, Freitas Soares, Pereira Bastos, Tamagnini Barbosa, Filipe de Sousa, estes e muitos mais — umas centenas em fóco — o resto do exercito no focó das suas determinações. São outubristas, democraticos, nacionalistas, presidencialistas, radicais aqueles e outros militares, não se afixando os monarchicos porque foram postos fóra do exercito, onde antigamente havia a cautela de afastar, dos regimentos e dos comandos, os politicos, sem o fazerem, todavia, dum maneira eficaz.

Passando do exercito à marinha encontramos tambem inumeros politicos, desde os almirantes até aos sargentos. Temos o sr. Camara Leme, absolvido dum grave delito porque, quando o praticou, ia lançar um tele-

grama para o chefe do seu partido; apparecem, com mais envergadura politica e militar, muitos capitães de mar e guerra, capitães tenentes, 1.<sup>os</sup> tenentes, como os srs. Hovel, Procopio de Freitas, Judice Biker, Fontoura da Costa, Agatão Lança, Vasconcelos e Sá, Mariano Martins, Jaime de Sousa e ainda uma centena, na boa disposição de não abandonarem a direcção da vida nacional, no que fazem muito bem, visto haver entre eles competencias e sinceridades. Da armada até veiu um deputado pertencente à heroica e utilissima classe dos officiaes inferiores, o sr. Domingos Cruz.

Não posso nem devo discutir nem apontar erros ou facciosismos, más interpretações dos factos ou deficiencias nos inumeros officiaes que vivem na politica. Estão no seu direito como cidadãos e folgo mesmo em vê-los satisfeitos nessa luta em pról. da nação.

São eles, porém, os grandes argumentos de que me sirvo para demonstrar a impossibilidade de retirar o exercito da interferencia armada nos casos para onde a politica o lança de quando em quando.

Por mais que um official, pertencente a um partido, deseje alhear a influencia exercida sobre os seus camaradas e subordinados da causa por que se bate, não o pode fazer, porque, se ha principio arrastante é o da politica. É um jogo para o qual se atira a vida e a reputação; é uma embriaguez em que se tresvaira, é um amor em que se arrisca tudo para o satisfazer e sempre se anda insatisfeito.

Estou escrevendo serenamente o fruto das minhas observações e das minhas analyses. lembrando-me que a politica, como ela se pratica em Portugal, tem o poder de separar os irmãos, os filhos de seus pais, os maiores amigos e tambem — exercida sob outro ponto de vista — de associar as mais heterogeneas pessoas.

Desde que assim é, torna-se impossivel isentar um militar — para demais são eles que possuem a maior facilidade de mover as espingardas — da sua anciedade de intrometer na causa que lhe convier o maior numero de valores. Assacaram aos monarchicos do Porto o terem proclamado a monarchia com as tropas do seu comando e que lhe fôram confiadas pela republica; julgo que ninguem respondeu que tambem a republica foi proclamada por officiaes que tinham da monarchia as suas patentes.

Sem a intervenção do exercito e da marinha na questão portuguesa, o que se alcunha de republica não existiria entre nós, pois os que hoje clamam contra a possibilidade dum movimento de militares esquecem aquelle facto historico e mais ainda o que excita eternamente as fileiras; a influencia dos officiaes na politica.

É que toda a gente — e em especial os partidistas — tem a tendencia para argumentar dentro do seu crêdo, do seu egoismo, da sua paixão, sem dar larguesa, limitando os horisontes do puro raciocinio, que é donde sai a verdade clara.

O meu pobre José Carlos Maia, quando me apertou nos braços, no regresso da revolta sidonista, bradou:

— Ó Chico, não são precisas mais revoluções... Esta fechou a porta...

Era a que ambicionava, a sua, aquella que lhe enchia a alma, e, na sua falta de conhecimento da historia, julgava definitivo o triunfo, mal imaginando que as balas doutros revolucionarios o matariam no tumulto duma cilada.

Estavamos no ministerio da guerra, na noite do triunfo, e eu, rodeado por officiaes, por povo armado, por amigos, disse-lhe, com a certeza de



que falava a verdade ao meu querido companheiro da infancia: — José, ainda faltam as deles... Depois, a minha...

Foi um pasmo; os rostos franziram-se, houve o silencio que os acomodaticios fazem à sinceridade — que, só agora, e em Italia, começa a ser uma virtude politica. Ele quiz saber; e eu pintei-lhe o quadro das revoltas democraticas, da queda de Sidonio, se não enveredasse para as camadas populares, os realistas aproveitando a occasião e a monarchia proclamada dentro de normas antigas e ruindo tambem. Se a fizessem moderna, do nosso tempo, com intuitos sociais, à belga, jámais cairia senão diante do ciclo revolucionario que o mundo vai atravessar, cujo fulcro é a Rússia, cuja trincheira é a Italia, empenhada na luta mais titanica no actual estado de transformação das idéas dos povos.

Mais tarde, no *ABC*, onde me procurava quasi todas as tardes, o Maia perguntava-me sempre, ante a certeza do meu vaticinio:

— E agora o que vem?...

E apontei-lhe a revolta da guarda, onde fermentava a indisciplina. Só não soube adivinhar que te matavam, meu pobre José da Maia!

Mas aquella idéa que o dominava da sua revolução ser a ultima, é a que assalta todos os vencedores, e, daí, o gritar-se que o exercito não deve intervir nas lutas, enquanto não se lança mão duma bateria para fazer a nossa revolta, sim, porque todos nós temos uma preparada e a nossa imaginação faz-nos vêr a vitoria como a salvação do país. Geralmente não temos nem o mais vago plano susceptivel de valer às vidas que se arriscam.

A facilidade com que se teem ganho as partidas da rua e atirado para o poder os ineptos que vencem, é a razão do que fica apontado, e eu proprio, que assim me exprimo, declaro acreditar na moralisação do país por uma revolução bem intencionada, que entregue o poder a homens de provada honestidade, competencia e fé, os quais sacrifiquem até as suas existencias à obra de redenção.

Como alhear as imaginações perturbadas por tantas dôres e por tantas injustiças dessa idéa duma possivel felicidade? O exercito e a marinha, fóra da politica, é um fim que só se pode alcançar depois deles proprios renunciarem a intervir, ao cabo de alguns anos, de ordem e de fomento nacional.

Em todo o caso, para que se não ande, dia a dia, a revoltar patrulhas ou caçques, seria necessario afastar da vida dos partidos os militares do activo. Alguns, quero mesmo acreditar que todos, teem talentos, luzes, idéas. Pois bem, larguem o exercito e vão salvar o país com todas as suas brilhantes aptidões. É muito simples; basta um vago paragrafo numa lei:

*Os militares que exercerem cargos politicos ficarão na escala de accesso, á esquerda de todos os seus camaradas de promoção, passando à inactividade e não podendo exercer lugares remunerados, à excepção dos de deputado, senador ou ministro. Fica sem efeito a promoção por escolha para qualquer patente e a legislação em contrario.*

É possivel praticar-se semelhante cousa? Se é, atenuar-se-ha uma das origens do irrequietismo da força armada; mas eu julgo-o impossivel atendendo a que quem faz as leis são exactamente os politicos, a cujo numero pertence uma maioria de militares.

Para que gritar, pois, que o exercito não deve intervir na politica, se são, na realidade, os seus membros que a dirigem em todos os partidos, facções e grupos? Muito se berra sem reflexão em Portugal!

# Os foguetes da represalia

O sidonista que saudou a morte do rei D. Carlos — A psicologia do assassino de Sidonio — O presidente e o seu republicanismo — A monarquia e o plebiscito — Os banquetes e os foguetes macabros

Não sei se já narrei este caso verdadeiro e que sempre me ficou de memória como um aviso da Historia num país convulso.

Certo republicano sidonista, bem intencionado e de educação aprimorada, não se pejou de me contar as suas impressões da morte de el-rei D. Carlos, nos seguintes termos:

«Soube na rua que o tinham assassinado. Cheguei a casa lancei-me sobre a cama e puz-me a cantar a Portuguesa.»

Era já no periodo agitado do sidonismo; estavam no gabinete do alferes Faria, no governo civil. Acumulavam-se nuvens terriveis sobre as nossas cabeças e eu apenas disse:

— Que faria você se matassem o presidente?

Ninguem se atreveu a marcar a impossibilidade desse acto; nem uma só voz se ergueu a contestar que algumas balas poderiam pôr fim a essa vida indispensavel para a existencia do que se gerara, se pretendia criar, desenvolver, e eu, acabei, a dizer:

— Não nos devemos regosijar com a morte violenta de nenhum dos nossos inimigos politicos. Se não ha outra maneira de punir certos crimes que se institua a pena de morte legal, com juizes que estudem e condenem e com soldados que executem.

Tempo depois José Julio da Costa praticava o seu crime e eu, atravessando o gabinete do comandante Lobo Pimentel, viu-o, com a cabeça amarrada, nervoso, agitado, na sua teima de se dizer o unico culpado, embora se vislumbrassem os seus cumplices. Olhou-me, deixou de lado os que o interrogavam, ao acaso, sem autoridade para tanto, muitos deles, e fixando-me mais exclamou:

— Eu conheço aquele senhor!...

Parei; não lhe fiz senão uma pergunta e saí com o som da sua voz nos ouvidos e jámais a esquecerei.

O que lhe perguntei, foi:

— Porque o matou?

— Era monarchico . . . era monarchico . . .

A interpretação que gerou este crime politico era uma infamia. Sidonio foi estruturalmente republicano.

Aquele homem que treslêra, na sua falta de instrução, que encontrara nos jornaes e nas conversas, incitamentos, matara em nome de tudo quanto havia de mais falso.

A' sua volta subiram apoteoses, ainda em nome desse mesquinho êrro, que José Julio da Costa já não mantinha nas cartas que da Penitenciaria me escreveu, tendo achado outras razões para o seu gesto. Chorava lagrimas sem conto o bom amigo de Sidonio que se rebolara sobre o leito quando foi morto D. Carlos porque vira avisinhar-se a republica, o seu sonho e enquanto ele se debulhava em pranto faziam-se banquetes de jubilo pelo fim do republicano que entendera de maneira diferente a republica.

Sidonio, poderia ter sido um Monk. A sua espada tinha já o prestigio duma victoria que durava havia um ano desembainhada, hora a hora, contra as facções, lusindo sem descanço e sem socego. Se não fosse um republicano, facil lhe seria proclamar a monarquia. Se não quizesse dividir, fosse com quem fosse, a sua acção ele imporia ao país o plebiscito, perguntaria ás urnas:

— Republica ou monarquia?

Naturalmente seria a monarquia que saíria das votações, desde que fossem livremente feitas e ele mandaria chamar o rei. Mas se quizesse ainda mais acentuar a sua isenção deixaria formar o parlamento pela verdadeira corrente eleitoral, sem combinações e sem acordos, e perguntaria a essa assembleia:

— Republica ou monarquia?

Jámais lhe passou pela cabeça a idea de que isso poderia acontecer. Desde a primeira hora da conspiração, na *Lucta*, na porta da farmacia, em sua casa, nunca falou senão na republica, como a queria, vestida da tunica da virtude, apresentando as suas bandeiras, as liberdades e os direitos. Republica, sempre republica foi o que lhe ouviram os proprios monarchicos que se aproximaram dele no seu horror ao afonsismo; republica, republica, dizia Sidonio Paes aos militares que chegavam com os seus escrupulos realistas.

Quem não quizer afaste-se! Nunca os enganou; foi republica limpa, pura, digna o que ele apresentou.

Os conspiradores aceitaram e foram bater-se. Queriam demolir a demagogia. Sidonio nunca foi monarchico. O presidencialismo é uma forma republicana que ele exerceu menos livremente que os chefes de estado da America do Norte. Se tivesse querido a monarquia, estaria em Portugal garantida pela sua espada e pelas dos officiaes que reen-trariam no exercito e na armada, Couceiro, Azevedo Coutinho e os seus amigos. Nunca atraíu nenhum deles e os que reingressaram foram duma verdadeira dedicação pelo presidente, manifestando-se apenas após a sua morte e em circumstancias especialissimas conforme as descrevi no meu livro *A Monarquia do Norte*.

O que se assassinou não foi um traidor, mas um modificador.

Não faltou ao seu crêdo; teve apenas outra visão do regimen e se isso constitui um crime politico, culpados e prontos para as balas assassinas estão todos os politicos que desejam uma limpeza neste simulacro de republica.

A republica, de facto, não existe em Portugal mas um arremêdo de

*Handwritten notes:*  
 e a lra  
 Trazi  
 que  
 esta  
 no  
 rap...  
 anti

instituições mal dirigidas nas quais não se cumprem os mais rudimentares principios do lêma desse ideal. E porque assim é, muita gente se julga no direito de desacreditar, de prender, de matar quem não achar que vivemos não num ideal postergado, mas num país de ideal governação.

A morte de Sidónio serviu mais uma facção, a peor do estado republicano, do que a republica. Gerou, a larga escala, da plutocracia; meteu-nos nas mãos d'os exploradores que ele corrigiu, desmanchou a tendencia melhorativa do cambio e porque tudo isto succedeu fizeram-se banquetes funebres com que se festejava a sua morte e ainda ha dias se deitaram foguetes no aniverssario do seu fim terreno.

Quem se regosijou assim? Naturalmente os que aproveitaram com o crime, aqueles que teem os seus idolos e que os defendem apaixonadamente. O que eu disse ao sidonista a quem soube bem a morte do rei, digo desta vez aos partidistas que lançaram as suas girandolas no no Rocio:

—E se um dia vos matarem aquele de quem esperais a salvação?

Oxalá que não. Desconheço-o até quem seja mas a historia, em Portugal, é um livro terrivel, de paginas inexoraveis.

# O Macaco, mestre de politicos

Os bons e os maus republicanos — Lutas de chefes — O exemplo da monarchia — A Historia e as historias — O macaco que avança

Em nome dos interesses da republica dividiu-se o partido nacionalista. Parece que os homens dessa agremiação se consideram, d'ora avante, uns aos outros, maus republicanos.

No fim de tudo — embora eu seja a pessoa menos idonea para passar atestados aos servidores do regimen — não é assim. Na acepção, no sentido que se costuma dar á designação d'esses partidarios, todos eles tem servido a republica o melhor que tem sabido e podido.

Cada vez que a Constituição perigava ou que um regimento se irritava, imediatamente apareciam a proclamar, novamente, a Lei ofendida. O proprio sr. dr. Brito Camacho, pouco dado a belicas aventuras, conspirou contra a dictadura sidonista e se alguns dos seus correligionarios de hoje apoiaram o dictador, como todos os elementos do centrismo, do machadismo e do sidonismo, que ali estão emblocados — a ponto de eu titular de Balkans esse amontoado de opiniões — é certo tambem que jámais perderam de vista a republica e nunca quizeram cousa alguma com a monarchia.

Uns, como o sr. dr. Alvaro de Castro, Cunha Leal, Vasconcelos e Sá e Ribeiro de Carvalho e a arraia miuda foram sempre republicanos, ha por lá uma mescla de adesivos, mas já se não liga importancia a essa diversidade, porque — que me conste — sempre em nome das suas convicções republicanas tem agido.

Chegado a este momento de scisão é que eu fico em duvidas — com a parte insignificante do país que se preocupa com estas cousas — se, na realidade, continuam a servir do mesmo modo as instituições.

Todos os membros do nacionalismo são produtos da historia passada. Uns, porque combatiam dos extremos republicanos a monarchia decadente, em virtude das dissensões de seus homens; outros, porque atravessaram do caminho dos partidos do regimen deposto pelas veredas que conduziam ao actual. Todavia, nenhum d'esses individuos politicos categorizados, que mandam em nós outros — pobres cidadãos sem gerencia, nem mesmo nas Juntas de Paroquia — se lembra do fim da monarchia, o que tornou possivel a ascensão de muitos deles aos lugares de bons proventos.

A sua memoria trabalha exatamente como a daquele novo rico que, olvidado de seus começos pobretanas, descalejado pelo uso do automovel, desenrapozinhado pelas essencias do banho, perguntava, como se tivesse bebido no seu champagne as aguas amnesticas do Lethes:

— Que sabor terá o alho?

Outrora sustentava-se de açôrda quando tinha azeite e de pão esfirgado com o liliacio quando lhe falhava o unto. Chamava-lhe até bifés sem carne. Parece que as alturas desequilibram a memoria dos illustres nacionalistas e já esqueceram as suas antigas situações e tambem quem os mandava.

A monarquia não caiu — meus senhores — porque o Machado Santos deu alguns tiros na Rotunda, tampouco porque os navios tirotearam o paço. A propria morte de el-rei D. Carlos e de seu filho não deitaria por terra o trono nem os chamados escandalos atirados das taboas dos comicios à galeria tonta que hoje se boquiabre por os ter acreditado. A monarquia não sucumbiu por uma traição dum homem num momento dado, não sofreu o seu rude golpe por ser uma velha instituição, mas porque se deram os factos que passo a apontar.

Os chefes dos dois grandes partidos exigiam submissão, subia-se de administrador de concelho a conselheiro de estado com as respectivas esperas nos diversos cargos. Desde que se valesse alguma cousa, o caminho alargava-se para esses partidarios. Fontes sucedeu aos grandes regeneradores, sem impacencias, José Luciano herdou o poder do velho Braamcamp, sem arremetidas, mas de repente veio uma vertigem, uma loucura, os inferiores começaram a querer ser chefes, e, num momento, quando se tratava de unir em torno da Instituição os seus homens mais categorisados, na sombra dos seus guiões, começaram todos a rasgar as bandeiras, a procurar adeptos para as scisões e viu-se o sr. conselheiro Julio de Vilhena — esse homem honrado e illustre — falar em principios, enquanto à sua volta os *marechais* jogavam aos dados o estandarte monarquico. Queriam ser chefes o sr. Teixeira de Sousa, o sr. Campos Henriques, o sr. Wenceslau de Lima, o sr. Pimentel Pinto, e cada um procurava um nucleo para combater o outro.

O partido regenerador era um frangalho e eles julgavam-se todos os seus lidimos dirigentes. Do outro lado, na ancia de os enfraquecer, para engrossar a sua facção, estava um invalido, deitado numa poltrona.

De quando em quando galvanisava-se e... mandava. Os outros batiam-se todos — diziam eles e alguns sinceramente — pela Corôa, pela Monarquia.

Andavam tão tontos em seus clamores, tão cegos em suas disputas, tão alheados em seus combates que nem viu como aos encontrões, nesse *foot-ball* de enraivados, deitavam a baixo as balisas e pontapeando aos outros acabavam por rebentar a bola ficando depois muito admirados e gritando-se mutuamente traição.

Eles não faziam aquilo por intuitos manifestos de se maguarem, queriam todos — julgando-se os mais aptos, os mais inteligentes, os mais firmes, os mais serios, os de mais pulso — salvar a monarquia com os reduzidos grupos que se degladiavam. Aqueles regeneradores unidos eram um exercito; assim desagregados não passavam de bandos arrua-ceiros praticando a guerra feroz do politico desejoso de esmagar o contrario. Passou a ser um *match* o que devia ser uma marcha grave e poderosa e os graves conselheiros surgiram aos olhos do país como vulgares agitadores.

O outro partido constitucional unido ria diante da fragmentação, da pulverização do que fôra seu rival e em torno dessa cadeira de rodas do arbitro os correligionarios apareciam vendo nele o unico que sabia manter a unidade e o prestigio mas não dizendo claramente, a essa mumia, que passou por arteira, aquilo que estava preparando no seu egoismo de politico que só via — como todos os outros — a derrota do adversario.

Eles — os que deviam defender acima da sua chefia, a Nação Monarquica — não ouviam apesar de bem de rijo soarem já as suas trombetas — a marcha poderosa, cheia de entusiasmos e de rumores do exercito republicano. Os gritos que soltavam de grupelho para grupelho abafava as alegrias desses caminheiros que iam direito aos baluartes abertos pelos regeneradores mais esgaçado pelos progressistas que julgavam inutilisar apenas os contrarios e não que apadrinhavam a victoria do partido adverso ás instituições o qual espreitava o poder.

Era, no entanto, singelo como um bom dia o desfecho que os grandes estadistas que nos governaram tanto tempo não viram; era no entanto banal já não como pagina da velha historia das nações mas como o conto vulgarete do macaco que enquanto os outros disputavam uma banana, ele, do alto da arvore ia vendo a maneira de a apanhar. No meio do tumulto, da sangueira, dos guinchos, o fruto caiu e o simio, descendo, a rir, de seu muro, apanhou-a e foi devora-la ao bom sol caracteando ante o pasmo dos contendores que se reboavam na terra a curarem as chagas feitas pelas unhas fortes e cubiçosas e que apenas serviam para dilacerarem mutuamente.

Não admira que os homens da republica tenham esquecido o sucedido, aquilo que gerou o seu advento quando os mais sabios politicos da monarchia, olvidaram a historieta que as creanças repetem, sob os *abat jours*, nas seroadas, rindo até que alguma mais nervosa, atalha . . .

— Essa é sabida . . .

Pois apesar de todos os garotetes a conhecerem os conselheiros olvidaram-na.

A situação dos partidos republicanos é exactamente identica. Os correligionarios degladiam-se em volta de chefes pretenciosos, sem duvida, mas que derrubam a unidade partidaria, fragmentam a sua acção, batalham, descompõem-se, guincham, esfacelam-se, remordem-se. Sucedeu já isso aos democraticos, que sendo muito numerosos, ainda podem arcar, como o sr. José Luciano, com a tarefa de ver desfalecer os outros.

E no fim, exactamente na posição dos simios em lucta, não ouvem o rumor duma marcha, não escutam o soar das trombetas guerreiras, não se alarmam ante o vozear do inimigo que chega, fresco, repousado, unido, para se degladiar amanhã no poder quando, emfim, se esfrangalharam os que detem o poder na republica.

Esse macaco que os espreita, meus senhores, usa blusa e hade comer-lhes a banana.

Depois . . . Depois . . . Como se acusarão uns aos outros de traidores, sendo, no fundo, todos excelentes republicanos?!

# A 2.<sup>a</sup> Serie dos "FANTOCHES"

A começar em 5 de Janeiro \*

É quando completa um ano este panfleto, que tanto tem agradado, e apresentar-se-hão algumas modificações interessantes. Além da critica aos

## Factos da Semana

publicará nalguns números

Revelações sensacionais sobre varios acontecimentos do nosso tempo

como por exemplo:

OS BASTIDORES DE 14 DE MAIO—MACHADO SANTOS, INTIMO—PORQUE FOI MORTO ANTONIO GRANJO?—O ASSASSINO DE JOÃO DE FREITAS—O HOMEM QUE A RAINHA FIXOU NO DIA DO REGICIDIO—CONSPIRADORES MONARQUICOS DIRIGENTES DA REPUBLICA—OS DOS NEGOCIOS ESCUROS—COMO SE ASSALTOU O MUSEU DA REVOLUÇÃO—OS HEROIS DA RUA—COMO SE GUARDOU O CADAVER DE SIDONIO, o que constitui trechos de *Memorias Historicas, Reminiscencias de Conversas, NOTAS SOBRE ALGUMAS SINGULARES PERSONAGENS, ETC.*

Não perderá esta publicação a sua característica, não falhará ao fim para que foi criada, constituirá um album ousado de critica contundente, amarga, aos acontecimentos, com algumas cousas curiosas a revelar ao leitor aquilo, as quais nem sempre se podem intercalar nas memorias que o autor decidiu escrever e das quais já estão publicadas:

D. MANUEL II—SIDONIO PAIS—MONARQUIA DO NORTE—JOÃO FRANCO E O SEU TEMPO (em publicação no A B C)—faltando a MARÉ DE SANGUE (o 19 de Outubro)—a PRIMEIRA INCURSÃO e um livro de maior tomo, com documentos ineditos, sobre

## El-Rei D. Carlos

mas o que se inserirá nos *Fantoches*, sempre que seja possivel, serão as esquirolas de outras analyses que não podem ficar perdidas. Quando os acontecimentos da semana o permitirem, elas serão publicadas.

Está aberta a assinatura para a 2.<sup>a</sup> Serie dos

## Fantoches

e, com a proxima finalisação da primeira, enviamos os mais penhorantes agradecimentos aos leitores, que tão dedicadamente nos tem acompanhado, aconselhado e seguido.



